A INFLUÊNCIA DO TEMPO DE DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA QUALIDADE DE VIDA DOS RESPONSÁVEIS: RESULTADOS PARCIAIS

Júlia Mendonça[*1], Tales Guimarães Amaral[*1], Gabriela Pichelli Teixeira[*1], Carolina Ramos Bonzegno Azevedo[*1], Talita Caroline de Oliveira Valentino[*2], Tamara Veiga Faria[*2]

[*1]Acadêmico de medicina da Faculdade Ceres (FACERES), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

[*2]Docente da Faculdade Ceres (FACERES), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

Autor Correspondente: Tamara Veiga Faria E-mail: tamaraveiga@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO:

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento neuropsicomotor que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento. O diagnóstico precoce desempenha um papel crucial na melhoria das perspectivas de tratamento e intervenção para indivíduos com TEA. No entanto, muitas vezes, a busca por um diagnóstico preciso é uma jornada complexa e demorada para as famílias envolvidas. A incerteza e o tempo necessário para obter um diagnóstico podem ter um impacto significativo na qualidade de vida dos responsáveis pelas crianças com TEA. O momento em que o diagnóstico é realizado pode ter implicações profundas não apenas para o indivíduo diagnosticado, mas também para seus familiares, influenciando diretamente a qualidade de vida deles. O presente estudo se concentra em investigar como o período em que o diagnóstico de TEA é realizado afeta a qualidade de vida dos responsáveis pelas pessoas com essa condição. OBJETIVO: Influência do tempo de diagnóstico do TEA na qualidade de vida dos responsáveis. MÉTODO: Antes de qualquer procedimento o projeto foi submetido ao Comitê de ética e Pesquisa (CEP) via plataforma Brasil e aprovado pelo parecer consubstanciado 46008921.7.0000.8083. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo com participantes representados por responsáveis por crianças com espectro autista. Foram incluídos no estudo responsáveis por crianças com diagnóstico de TEA que consentirem sua participação no estudo, de ambos os sexos, maiores de 18 anos. RESULTADOS: No estudo, a maior parte dos cuidadores apresentam uma faixa etária acima dos 40 anos (53,08%), são casados (66,6%), vivem com seus maridos/esposas (66,6%) e são da área urbana (93,8%). A maior parte dos cuidadores possuem uma pós-graduação (34,5%) e recebem mais que um salário-mínimo (83,9%). A maioria das crianças com TEA são do sexo masculino (86,14%). 100% dos portadores de tea estudados moram com os pais. Dos indivíduos analisados, a mesma porcentagem frequenta uma instituição em relação aos que não frequentam (49,38%), 81,48% dos encaminhamentos são para especialistas da rede privada. 33,33% dos indivíduos demoraram de 1-4 meses para levarem os filhos ao especialista. 41,97% dos portadores de TEA tiveram seu diagnóstico na faixa dos 2-4 anos. Os principais sintomas apresentados pelos filhos que chamou a atenção dos cuidadores eram “falta de contato visual” e “não falavam” (30,86%). 43,20% dos cuidadores já tinham ouvido um pouco sobre TEA antes do diagnóstico. Depois do diagnóstico, 43,20% dos cuidadores ouviram muitíssimo sobre TEA. 35,8% dos

cuidadores obtiveram informações adequadas para o tratamento do TEA. 33,3% dos cuidadores tiveram comentário médico sobre o grau de autismo dos filhos. 40,74% dos portadores de TEA se enquadram no grupo dos verbais/não verbais. 34,56% dos cuidadores conhecem “mais ou menos” ou “muito” as diferentes formas de comunicação dos pacientes com TEA. 49,38% dos cuidadores não buscaram ajuda profissional para si mesmos. 80,24% dos cuidadores utilizam uma estratégia direta de *coping* com seus filhos. CONCLUSÃO: O tempo de diagnóstico do TEA emerge como um fator crítico na qualidade de vida desses responsáveis, com implicações profundas para sua saúde mental, emocional e física. As demandas complexas e frequentemente duradouras de cuidar de alguém com TEA não podem ser subestimadas, e a busca por diagnósticos precoces e intervenções oportunas não é apenas imperativa, mas também moralmente essencial.

Palavras Chave: Transtorno do Espectro Autista; autismo; qualidade de vida;